

## A UTOPIA DOS INOCENTES

*Agatha de Souza Lopes*



Deflagrada em 1914, a inaudita sangueira chamada Primeira Guerra Mundial sequer fora prevista pelos contemporâneos. Apostava-se em uma guerra rápida, mas a realidade do front reservou às páginas da História um morticínio jamais visto em escala planetária.

A ebulição de revanchismos e crises políticas devastou a crença nas instituições políticas vigentes, enterrando os vestígios do século XIX<sup>1</sup> e marcando a foga a belicosa primeira metade do Século XX. Não apenas as tecnologias e táticas militares sofreram uma revolução sísmica, mas as nações e o mapa político mundial passaram por grandes mudanças, ratificando o aforismo que o Estado fez a guerra, e a guerra fez o Estado.<sup>2</sup>

### A [der] rota a Langemarck

A Primeira Batalha de Ypres marcou o final das campanhas de 1914 com uma significativa vitória às potências Aliadas. Esperava-se primeiramente que as tropas de Guilherme II marchassem imponentes por uma Ypres conquistada, predição frustrada em vista a resistência britânica e francesa ao longo de Menin, es-

trada de acesso à cidade, contendo o saliente Ypres e impedindo o avanço alemão.

O arco da Primeira Guerra Mundial institucionalizado como Corrida ao Mar encontra seu desfecho. A despeito do fracasso estratégico de ambos os lados em articular uma guerra de movimento, historiadores<sup>3</sup> apontam a imaturidade das formações do Kaiser ao final dessa fase do teatro operacional como responsável pela morte de milhares de homens, sobretudo estudantes, cujo episódio emblemático chamou-se O Massacre dos Inocentes, em Langemarck.

### Ecoss de tradição aguerrida

Konrad H. Jarausch em seu brilhante artigo *German Students in the First World War*<sup>4</sup> recria todo o cenário acadêmico do Império Alemão, assinalando as instituições de ensino superior como antro do patriotismo belicoso arraigado na massa estudantil. Contrariando o senso-comum que o ambiente Universitário é um bastião de pacifismo teórico, o Nacionalismo Acadêmico rebentava entre as turmas.

3 – WILLMOTT, H.P. *Primeira Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

4– JARAUSCH, Konrad A. *German students in the First World War in: Central European History*, 17, pp 310-329. Cambridge University Press, 1984.

1 – OVERY, Richard James. *The Inter-War Crisis*. New Jersey: Pearson Education Press, 1994.

2 – TILLY, Charles. *Coercion, Capital, and European States*. Oxford: Blackwell Pub, 1992.

Às vésperas da Grande Guerra mais da metade dos estudantes pertenciam às chamadas corporações. Agremiações universitárias não-oficiais influíam diretamente congregando alunos sob diversas ideologias. Conquanto grupos distintos competissem nas instituições, todos aferiam um caráter hierárquico tangente ao militarismo: a exemplo, eram comuns ritos de iniciação, e, inclusive o duelo de espadas como meio de fazer justiça e provar a honra.

Embora Norman Angell e sua tese da inutilidade da guerra <sup>5</sup>servisse como porta-voz aos diminutos grupos pacifistas de alunos e professores, o conteúdo majoritariamente lecionado nas Universidades continha doses belicistas capaz de influenciar aos alunos. Isso, somado ao gosto literário por autores como Jomini, Clausewitz e Von Bernhardt, fomentou a Geração de 1914 demasiadamente exaltada.

Havia o senso missionário da liderança da nação ser papel dos acadêmicos. O perfil dos estudantes era diversificado, figurando tanto homens quanto mulheres, judeus, católicos, protestantes, pouco ricos e uma abrasadora classe média. Professores encaravam a eminência de uma guerra como o teste legitimador da educação nacional: seu trabalho teórico de lecionar germinaria a virtude cívica, o fruto da silente educação política nacionalista.

Jarauscha aponta, também, que o corporativismo fora responsável pelo senso de lealdade à pátria e superioridade. Dada a Crise de 1914, em agosto os universitários acolheram com assombroso entusiasmo à declaração de Guerra. Superando agremiações e divergências, de Berlim até Tübingen foram realizadas passeatas, e oradores tomaram palanques públicos com inflamados discursos pró-guerra. Cerca de 80% dos universitários alistaram-se voluntariamente.

Embora leitores assíduos, aparentemente os jovens esqueceram-se de simples lições jominianas<sup>6</sup> que

5 – ANGELL, Norman. *The Great Illusion*. London: William Heinemann, 1910.

6 – JOMINI, Antoine-Henri (trans. Col. S.B. Holabird, U.S.A) *Treatise on Grand Military Operations*. New York: D. van Nostrand, 1865

pressupunham objetivos coerentes, onde faz-se guerra visando conquistas políticas. O estandarte levantado, todavia, era difuso e generalizante: a luta pela pátria.

Clausewitz<sup>7</sup>, por sua vez, certamente veria na moral desses jovens uma das chaves necessárias para o sucesso em campo, contudo, nessa perspectiva erraram os generais: seguiram cegamente à tese clausewitziana que a concentração de forças assegura conquistas, enviando a destreinada massa estudantil para formação do IV Exército Alemão.

### “A Era dos Heróis, com o Kaiser, Deus e o Reich”<sup>8</sup>

Oficiais veteranos da Guerra Franco-Prussiana responsabilizaram-se por alocar os milhares de voluntários estudantis, não diluídos entre outros exércitos, mas concentrados na IV divisão reformulada às pressas para apoiar o VI Exército em Flandres. Responsáveis pelo combate travado em Langemarck durante a I Batalha de Ypres, aos combatentes germânicos foi oferecido um treinamento de oito semanas; aos britânicos e franceses inimigos, artilharia pesada e modernas metralhadoras, desconhecidas pelos jovens alemães.<sup>9</sup>

A historiografia influenciada pela comoção da época narra adolescentes cantando, literalmente, “Deutschland über alles” enquanto eram aniquilados. O relato do episódio foi estampado na edição 263 do *Freiburger Tagblatt*, e, no ano seguinte, as sentimentais cartas do sobrevivente Hermann Koopmann foram publicadas<sup>10</sup>

É inegável o espírito mavórtico dos universitários. O episódio de Langemarck foi real, mas tomou proporções titânicas. Assim, a grande falácia presente na mitificação exacerbada do *Kindermord* é desmentida

7 - VON CLAUSEWITZ, Carl. *Da Guerra*. São Paulo: Wmf Martins Fontes, 2010

8 – Editoral “Liebe Bundesbrüder”. *Akademische Monatshefte* 29 (1914): 3ff.

9 – WILLMOTT, H.P. *Primeira Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

10 – Disponível em <http://www.kaiserscross.com/40312/179301.html> acessado em 15/10/2014 às 18h

da ao sabermos que as estatísticas 12 apontam a idade média dos calouros – consequentemente combatentes – em 20 anos (e não demasiadamente jovens).

A experiência – real ou santificada – do ocorrido culminou na modificação da mentalidade dos jovens, que saíram mais céticos e com novas visões sobre o que é pátria, guerra e vitória, muito distintas daquelas cantadas nas passeatas. O entusiasmo transfigurou-se em horror ao testemunharem o combate, a insalubridade, a realidade visceral. Os números amedrontam ainda mais: 1/4 da Geração de 1914 jaz cadáver, fora os mutilados, os inválidos, os sequelados.

Talvez os “inocentes” não sejam apenas esses soldados enterrados nas valas e no emblemático Cemitério de Langemarck, mas aqueles que futuramente repetiram a ingênua utopia nacionalista da Primeira Guerra Mundial.

## Bibliografia

ANGELL, Norman. *The Great Illusion*. London: William Heinemann, 1910.

COWLEY, Robert. *The Great War: Perspectives on the First World War*. New York: Random House, 2003

JARAUSCH, Konrad A. German students in the First World War in: *Central European History*, 17, pp 310-329. Cambridge University Press, 1984.

JOMINI, Antoine-Henri (trans. Col. S.B. Holabird, U.S.A) *Treatise on Grand Military Operations*. New York: D. van Nostrand, 1865

KEEGAN, John. *The First World War*. London: Hutchinson, 1998

OVERY, Richard James. *The Inter-War Crisis*. New Jersey: Pearson Education Press, 1994.

STRACHAN, Hew. *The First World War: Volume 1: To Arms*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

TILLY, Charles. *Coercion, Capital, and European States*. Oxford: Blackwell Pub, 1992.

VON CLAUSEWITZ, Carl. *Da Guerra*. São Paulo: Wmf Martins Fontes, 2010.

WILLMOTT, H.P. *Primeira Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.